

O RURAL BRASILEIRO: NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS
THE BRAZILIAN RURAL: NARRATIVES AND MEDIA REPRESENTATIONSDenise TAVARES¹; Marcelo Cancio SOARES²

A despeito da concentração populacional nas cidades brasileiras ser, atualmente, de cerca de 85%, o rural brasileiro tanto persiste como um lugar que se apresenta basilar à identidade nacional até hoje, como é reconhecido pelo homem urbano, como um mundo desconhecido e distante, imerso em uma teia complexa, cerzida ao longo de uma história de conflitos, devastações e impasses que pouco tem a ver com ele. No entanto hoje, mais do que nunca, sabemos o quanto este universo representado, quase sempre de modo esquemático na mídia, pauta as relações de poder no Brasil. Não à toa, a maior rede de televisão no Brasil lançou a campanha publicitária cujo slogan é “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”, desvelando um movimento que espelha a política fabulada nos castelos de Brasília, que rendem de perdão às gigantes dívidas do agronegócio brasileiro para com o Estado, à revisão das políticas ambientais que protegem nossas florestas e vegetações nativas.

Neste horizonte, a Comunicação é peça-chave. Investigar, problematizar e analisar as representações e narrativas midiáticas sobre estes territórios tensionados coloca-se como tarefa urgente e implica, também, reconhecer a importância de pioneiros como Juan Bordenave e outros, que se debruçaram, em múltiplas abordagens, sobre as teias da relação da comunicação com o rural. Este é, pelo menos, o espírito que mobilizou a proposta e edição deste dossiê que recebeu contribuições de pesquisas desenvolvidas em vários pontos do país, das quais emergem cenários, processos e produtos em torno do rural brasileiro, enfatizando, especialmente, as relações mídia e cotidiano. São textos que respondem à nossa proposta, revelando a densidade das investigações e reflexões da área e que confirmam a importante contribuição que esta dá no sentido de compreensão deste Brasil fraturado, que enfrenta hoje, provavelmente, um de seus maiores desafios em termos de

¹ Professora e pesquisadora da Universidade Federal Fluminense, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Mídia e Cotidiano. Jornalista, Mestre em Mídias e Doutora em Integração Latino-americana. E-mail: denisetavares51@gmail.com

² Professor do Departamento de Comunicação/Jornalismo na Universidade do Mato Grosso do Sul. Mestre e Doutor em Ciências da Comunicação pela USP e Pós-Doutor em ciências da Comunicação pela Universidade Autônoma de Barcelona. E-mail: marcelo.cancio@ufms.br

manter-se como nação soberana, reconhecida como espaço onde é possível viver de forma plena e cidadã. Por isso mesmo, nada nos pareceu mais significativo para abrir este dossiê do que o texto de Ricardo Duarte Gomes da Silva e Livia Moreira Barroso.

O texto é revelador no sentido de mostrar a mudança de comportamento dos moradores, com as longas conversas entre os habitantes locais sentados nas cadeiras colocadas nas calçadas foram sendo substituídas pelas poltronas diante dos aparelhos de televisão e computadores. O processo de massificação das mídias, já introduzidos em milhares de municípios brasileiros, chegou à comunidade de Pau D'arco em pleno século XXI. Parece estranho imaginar essa midiaticização tardia na comunidade, mas o trabalho realizado pelos autores mostra, com clareza, essa experiência nova vivida pelos habitantes de uma pequena localidade no interior do país. Na sequência, o artigo de Eduardo Yuji Yamamoto, partindo de um diálogo com o dossiê da edição anterior de Mídia e Cotidiano sobre comunicação comunitária, traz à tona a experiência do Cinejordão, um projeto realizado junto à comunidade da Vila Jordão, bairro rural do município de Guarapuava (PR). Mas antes de focar a experiência, o autor traz uma revisão teórica circunscrita à comunicação rural – pensada em uma perspectiva da comunicação popular ou comunitária do campesinato – e o cinema, tendo como objetivo não só de debater a representação midiática do rural no país, como também problematizar os modos de engajamento às lutas que permeiam o campo brasileiro.

Tais lutas, algumas vezes, foram apresentadas na obra televisiva de Benedito Ruy Barbosa, como destaca, entre outros tópicos, o texto seguinte, de Antonio Helio Junqueira. Barbosa, que é provavelmente o autor de telenovela do país mais identificado com o mundo rural, centraliza, para Junqueira, muito do imaginário popular sobre as mazelas e benesses do campo, o que implica, no texto, além da discussão das obras do novelista – particularmente, “Pantanal”, “Renascer”, “Rei do Gado” e “Velho Chico” – discutir o papel da ficção seriada na construção da ideia deste lugar capaz de abrigar o melhor do “paraíso” enquanto permanece identificado como o espaço da permanência do “atraso”, que confirma o país ainda muito longe do chamado primeiro mundo. Um discurso que, em outra clivagem, também está presente em outros espaços da televisão brasileira, como mostra o artigo de Ada Cristina Machado da Silveira e Clarissa Schwartz sobre uma edição de 2015 do Globo Repórter, da TV Globo, intitulada “A vida no campo”.

No artigo, as pesquisadoras analisam reportagens apresentadas pelo Globo Repórter, programa de televisão exibido pela emissora de maior audiência no país, que realçam o ambiente rural brasileiro, suas potencialidades e novas representações sociais. As duas autoras observam os vínculos existentes entre o mundo rural e o urbano. Revelam também como novos personagens urbanos se voltam para as potencialidades rurais. Outra análise enfoca como a utilização de novas tecnologias influencia na vida de vaqueiros. E em uma quarta reportagem analisam mudanças sociais que ocorrem a partir do aumento de escolarização de jovens rurais. A partir desta investigação, elas mostram diferentes representações a respeito das múltiplas ruralidades existentes no meio rural brasileiro. O artigo seguinte, de Simone Maria Rocha e Marcos Vinícius e Meigre e Silva também vai focar a televisão, agora em abrangência regional, em abordagem que tem como ponto de partida o reconhecimento do papel do veículo como reiterativo “de um imaginário coletivo quanto ao jeito de ser mineiro”. Para os autores, um dos indicadores deste jeito é a religiosidade, algo que, justamente por ser reconhecido como indicador identitário dos mineiros, mobiliza os meios de comunicação local como fez o programa *Terra de Minas*, da TV Globo de Minas Gerais. É desta edição sobre como os mineiros vivenciam a religião que Rocha e Silva extraem fragmentos para análise, considerando que esta é capaz de desvelar a “reverberação deste discurso fundante” da mineirice.

Outro ângulo de abordagem do rural mobiliza o texto de Marcela Guimarães e Silva, que promove uma reflexão sobre a inclusão da mulher no processo de gestão da propriedade rural familiar, tendo como base as recentes políticas públicas de assistência técnica e extensão rural, de modo articulado com as políticas nacionais de acesso às tecnologias da informação e comunicação (TICs). Abordando questões de gênero a partir da realidade de mulheres agricultoras do município de São Borja, Rio Grande do Sul, atendidas pela Emater/RS, a autora ressalta que, somente por elas mesmas, as novas mídias não promovem o desenvolvimento rural. No entanto, o acesso à informação e sua apropriação não deixam de conferir uma certa autonomia a essas mulheres, reposicionando-as no processo dialógico com as instituições envolvidas.

Já Ana Maria Dantas de Maio relaciona o rural e o urbano e mostra como os discursos políticos e poéticos abordam as questões rurais em narrativas midiáticas. A pesquisadora se vale das obras do poeta Manuel de Barros para analisar as perspectivas do artista a respeito do contexto rural. Sabe-se que o poeta era um observador atento da vida pantaneira e de

suas raízes rurais. Nesse artigo Ana Maio faz uma análise discursiva de textos do poeta. Interpreta também, com perspicácia, enunciados políticos postados pela senadora Kátia Abreu em redes sociais que tratam de questões rurais. Em seu texto, a autora também apresenta uma interpretação dos enunciados dos dois autores (um poeta e um político) a respeito de contextos rurais. Dois mundos ruralistas: um político e outro poético pesquisados sob a ótica da análise de discurso e suas narrativas.

Finalmente, fecha este dossiê, o artigo de Fábio Fonseca de Castro, que reflete sobre a formação dos futuros comunicadores, no caso, de habilitação em Jornalismo, em uma situação bastante significativa, já que foca um grupo de 38 jovens de uma cidade do sudeste do Pará, Parauapebas, localizada na fronteira amazônica. Trata-se de pesquisa apresentada com indicadores norteados pelo objetivo de mensurar o que podemos dimensionar como “embates cotidianos” entre uma visão idealizada ou de senso comum do que seja viver neste lugar – ressalte-se que a maioria dos jovens não é originária da região – e a experiência concreta de estar ali tendo no horizonte o propósito de atuar como jornalista. O texto, que integra uma pesquisa ampla – no tempo e em seus propósitos – recorta um momento-chave desta busca de se compreender os impactos que a própria mídia provoca em quem se prepara para integrá-la, oferecendo, deste modo, uma contribuição relevante para todos nós que convivemos com impasses similares na medida em que o mercado de comunicação do país revela-se tão persistente no compromisso com as elites brasileiras e sua lógica predatória.

Somados ao dossiê, também apresentamos mais seis artigos na Seção Livre, com textos que contemplam temas variados e relevantes como o crescimento do fenômeno dos padres midiáticos nas redes sociais, as características e ferramentas dos debates online, a transformação de anônimos em protagonistas em programas de *reality shows* culinários, as estratégias editoriais da mídia impressa para influenciar jovens leitores, os usos que atores culturais em Imperatriz, Maranhão, fazem da web como canal de difusão de conteúdo e as narrativas de vida de mulheres no Vale do Mucuri através de seus relatos gravados em vídeo.

Esperamos que tenham uma ótima leitura!